

CAPÍTULO UM

Uma base militar em tempo de paz é um lugar entediante. Acontecem coisas, mas repetem-se vezes sem conta. A sua própria disposição só acrescenta à monotonia: as enormes casernas feitas de cimento; as filas de casas de oficiais, todas iguais; o ginásio; a capela; o campo de golfe e as piscinas, tudo concebido de acordo com um determinado padrão inflexível. Contudo, o tédio de uma base militar é motivado essencialmente pelo seu isolamento e pelo excesso de ócio e de segurança, pois assim que um homem entra para o serviço militar, espera-se que siga incondicionalmente as ordens dos seus superiores. Por outro lado, de vez em quando acontecem coisas numa base militar que não é habitual repetirem-se. Existe uma base no sul da América onde, há alguns anos, foi cometido um homicídio. Os intervenientes nessa tragédia foram: dois oficiais, um soldado, duas mulheres, um filipino e um cavalo.

O soldado dessa história chamava-se Ellgee Williams. Todos os dias, no final da tarde, costumava vir sentar-se sozinho num dos bancos que se alinhavam no passeio em frente às casernas. Tratava-se de um local agradável onde havia duas filas compridas de aceráceas, ainda jovens, que projetavam sombras movediças, frescas e delicadas, no relvado e no passeio. Na primavera, as folhas dessas árvores exibiam uma tonalidade verde-viva e, à medida que o tempo ia aquecendo, assumiam uma cor mais escura, muito agradável à vista. No final do outono, tinham um tom dourado incandescente. Era nesse sítio que o soldado Williams

costumava sentar-se, à espera da chamada noturna para a messe. Tratava-se de um soldado jovem e sossegado, sem um único amigo, ou inimigo, nas casernas. O seu rosto, redondo e moreno do sol, era marcado por uma certa inocência cautelosa. Tinha os lábios grossos e vermelhos, e uma franja de cabelo castanho cobria-lhe a testa. Os olhos, uma mistura curiosa de âmbar e castanho, aparentavam a expressão muda típica dos animais. À primeira vista, o soldado Williams parecia ter um porte ligeiramente pesado e desajeitado. Todavia, era uma impressão enganadora, pois movimentava-se com o silêncio e a agilidade de uma criatura selvagem, ou de um ladrão. Era frequente os outros soldados assustarem-se ao verem-no surgir, aparentemente, do nada. As suas mãos eram pequenas, com uma estrutura óssea delicada, e muito fortes.

O soldado Williams não fumava, não bebia, não fornicava e não jogava. Nas casernas, comportava-se de um modo reservado e era tido como misterioso pelos outros homens. Na maior parte do seu tempo livre, ia até à floresta que circundava a base militar. O parque natural, com quatro mil hectares, era uma área virgem e selvagem. Encontrava-se repleto de gigantescos pinheiros, de inúmeras variedades de flores e, inclusivamente, de animais tímidos como o veado, o javali e a raposa. À exceção da equitação, o soldado Williams não se interessava por nenhum dos desportos à disposição dos homens do exército. Nunca ninguém o tinha visto no ginásio nem na piscina. E também nunca ninguém o tinha visto a rir, irritado ou em sofrimento. Comia três grandes refeições por dia e nunca se queixava da comida, ao contrário dos outros soldados. Dormia numa camarata com cerca de três dúzias de camas em duas filas. Não era um lugar tranquilo. À noite, quando as luzes se apagavam, era frequente ouvir-se ressonar, praguejar e, inclusivamente, gemer por causa dos pesadelos. Não obstante, o soldado Williams dormia descansado. Ocasionalmente, da sua cama ouvia-se o desembrulhar dissimulado de uma tablete de chocolate.

O soldado Williams estava no exército há dois anos quando, um dia, foi chamado ao gabinete de um certo capitão Penderton. Os acontecimentos desenrolaram-se da seguinte maneira: seis meses

antes, o soldado Williams havia sido destacado para os estábulos, uma vez que tinha imenso jeito para os cavalos. O capitão Penderton tinha telefonado para o sargento-ajudante de serviço e, por acaso, como muitos cavalos estavam fora, em manobras militares, e como havia pouco que fazer nos estábulos, o soldado Williams foi escolhido para uma tarefa específica. A natureza dessa tarefa era muito simples: o capitão Penderton queria que ele limpasse o mato atrás da sua casa, para poder construir uma churrasqueira nesse sítio e começar a dar festas para os amigos. A tarefa demoraria cerca de um dia de trabalho.

O soldado Williams começou o serviço por volta das sete e meia da manhã. Era um dia ameno e ensolarado, em meados de outubro. Já sabia onde é que o capitão morava, pois passava sempre por casa dele nos seus muitos passeios à floresta. Além disso, conhecia bem o capitão de vista. Inclusivamente, uma vez irritara-o sem querer. Cerca de um ano e meio antes, o soldado Williams trabalhara para o tenente da sua companhia de então, durante duas semanas. Uma tarde, o tenente recebera a visita do capitão Penderton e, ao servir as bebidas, o soldado Williams entornara uma chávena de café por cima das calças do capitão. Para além desse incidente, agora via frequentemente o capitão nos estábulos, pois tinha a seu cargo o cavalo da mulher dele, um garanhão castanho que era o mais elegante de todos. O capitão morava na periferia da base militar. A sua casa, uma habitação feita de estuque de cimento, com dois pisos e oito assoalhadas, era igual a todas as outras casas, mas situava-se na extremidade da rua. O jardim relvado tinha ligação em dois lados com a floresta adjacente. O capitão tinha um único vizinho, o major Morris Langdon, do lado direito. As casas dessa rua davam para um terreno amplo que, até então, tinha servido de campo de polo.

Quando o soldado Williams chegou, o capitão saiu de casa e explicou-lhe pormenorizadamente o que pretendia que fosse feito. O soldado deveria arrancar as roseiras bravas e os arbustos rasteiros, e cortar os ramos das árvores abaixo de um metro e oitenta. O capitão definiu o carvalho, enorme e antigo, situado a cerca de vinte metros do seu relvado, como o limite para o tra-

balho de desbaste. O capitão usava uma aliança de ouro na mão gorda e esbranquiçada. Nessa manhã, envergava calções de caqui pelo joelho, meias altas de lã e casaco de camurça. O seu rosto era severo e aparentava uma enorme tensão. O cabelo era preto e os olhos tinham uma tonalidade azul, gélida. O capitão não pareceu reconhecer o soldado Williams e apressou-se a dar-lhe as ordens, com modos nervosos e afetados. Informou o soldado Williams de que queria a tarefa terminada nesse mesmo dia e disse-lhe que regressaria lá pelo final da tarde.

O soldado trabalhou afincadamente durante toda a manhã. Ao meio-dia, foi até à cantina, a fim de almoçar. Por volta das quatro da tarde, o trabalho estava terminado. Tinha feito ainda mais do que o capitão lhe havia solicitado. O enorme carvalho que servia de limite possuía uma forma invulgar: os ramos do lado do relvado eram suficientemente altos para ser possível passar por baixo dos mesmos, mas os do lado oposto tocavam no chão. O soldado havia cortado esses ramos rasteiros, a muito custo. Depois do trabalho terminado, encostou-se ao tronco de um pinheiro e ficou à espera. Parecia em paz consigo próprio e bastante satisfeito por estar ali indefinidamente.

— O que faz *você* aí? — perguntou-lhe uma voz, de súbito.

O soldado tinha visto a mulher do capitão emergir da casa do lado e atravessar o relvado na sua direção. Embora ele a tivesse visto, ela só entrou na esfera obscura da sua consciência quando lhe dirigiu a palavra.

— Venho agora dos estábulos — disse-lhe a Sra. Penderton. — O meu *Firebird* levou um coice.

— Certo, minha senhora — replicou o soldado, num tom vago. Esperou durante uns instantes, enquanto digeriria o significado das palavras dela. — Como foi?

— Não faço ideia. Talvez tenha sido o raio de uma mula ou, se calhar, soltaram-no com as éguas. Fiquei danada e perguntei por si.

A mulher do capitão deitou-se numa cama de rede, presa a duas árvores, na orla do relvado. Apesar da sua indumentária (as botas, as calças de montar sujas de lama e muito gastas nos joelhos,

e a camisola de malha cinzenta), era uma mulher bastante bonita. O seu rosto revelava a tranquilidade pensativa de uma escultura da Virgem Maria e tinha o cabelo, liso e cor de bronze, apanhado na nuca. Entretanto, a criada da casa, uma jovem negra, saiu para a rua com um tabuleiro na mão, trazendo uma garrafa de uísque de centeio, um copo próprio e água. A Sra. Penderton não era esquisita no que tocava à bebida. Deitou abaixo dois uísques e depois serviu-se de um copo de água gelada. Não tornou a dirigir a palavra ao soldado e ele também não lhe perguntou mais nada em relação ao cavalo. Nenhum deles parecia consciente da presença do outro. O soldado encostou-se novamente ao pinheiro e ficou de olhar perdido no espaço, sem pestanejar.

O pôr do sol outonal criava uma neblina irradiante imediatamente acima do relvado novo e, na floresta, o sol brilhava por entre a folhagem menos densa, desenhando padrões dourados no solo. Depois, subitamente o sol desapareceu. O ar arrefeceu e levantou-se uma ligeira brisa. Estava na altura de regressar. Ao longe ouviu-se o som da corneta, tornada clara pela distância e ecoando na floresta com uma ressonância oca. A noite estava prestes a cair.

Foi nessa altura que o capitão Penderton regressou. Estacionou o carro em frente da casa e atravessou o jardim para ir examinar o trabalho do soldado. Cumprimentou a mulher e fez uma breve continência ao soldado, que agora se encontrava parado à sua frente. O capitão contemplou o terreno desbastado. De imediato, deu um estalo com os dedos e a sua boca esboçou um esgar. Os olhos azul-claros voltaram-se para o soldado. Em seguida disse, em voz baixa:

— Soldado, o carvalho gigante era o mais importante.

O soldado assimilou o comentário em silêncio. O seu rosto, redondo e sério, permaneceu impassível.

— Eu disse-lhe para limpar tudo até ao carvalho — insistiu o capitão, num tom de voz mais elevado. Caminhou rigidamente até à árvore em questão e apontou para os troncos recém-cortados. — A forma como os ramos roçavam no chão, formando uma espécie de cortina entre o meu jardim e a floresta lá atrás, era o que mais